

## MEMÓRIA E (DES)IDENTIDADE EM FIM DE FERNANDA TORRES

Doroteia Carneiro dos Santos<sup>1</sup>  
Cláudio do Carmo Gonçalves<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo, a partir da história do personagem *Ciro*, do livro *Fim* (2013), de autoria da escritora Fernanda Torres, discute a relação entre memória, identidade e o nome próprio como portador de uma identidade e de uma memória individual. Para tanto, considera-se que a identidade, enquanto elemento que determina características individuais, é construída mediante a relação com os outros e na troca de experiências. Dessa forma, tudo o que é compartilhado nesse contato com o outro fica registrado numa espécie de arquivo chamado memória. E, desse modo, as relações identitárias e memorialísticas se constituem a partir do convívio social frente às identificações e memórias apresentadas também por esse sujeito individual.

**Palavras-chave:** memória; identidade; nome próprio.

## MEMORY AND (DES) IDENTITY IN END OF FERNANDA TORRES

**ABSTRACT:** This article, from the story of the character *Ciro*, from the book *End* (2013), authored by the writer Fernanda Torres, discusses the relationship between memory, identity and the proper name as the bearer of an identity and an individual memory. For this, it is considered that identity, as an element that determines individual characteristics, is constructed through the relationship with others and in the exchange of experiences. In this way, everything shared in this contact with the other is recorded in a kind of file called memory. And, in this way, the identity and memorialist relations are constituted from the social conviviality in front of the identifications and memories presented also by this individual subject.

**Keywords:** memory; identity; proper name.

### 1. Introdução

*Fim*, narrativa da escritora Fernanda Torres, traz em seu enredo a história de cinco amigos que se conheceram durante a juventude na década de sessenta. Nesse período, a amizade de Sílvio, Ribeiro, *Ciro*, Álvaro e Neto se fortaleceu devido ao convívio do grupo nas farras.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Docente da Educação Básica no município de Ilhéus. Professora articuladora no município de Arataca.

<sup>2</sup> Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ / Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia / UNEB; Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Linguagens e Representações da UESC.

Com a passagem dos anos e os diversos caminhos da vida, esse convívio deixou de existir de modo frequente, restando apenas a rememoração solitária desse período juvenil. No caso específico de Ciro, a narrativa está centralizada num momento difícil da vida do personagem: hospitalizado, Ciro se vê em estado terminal e à base de muita medicação, por conta de um câncer. Esse presente angustiante, acompanhado, por vezes, de um estado de semiconsciência, possibilita ao personagem transitar entre passado e presente, tendo como mote as lembranças do tempo de juventude, a identidade que representava e o que ele se tornou diante do que vivencia com a doença.

Com base na história de Ciro, objetivamos, a par das teorias que entrelaçam as discussões entre memória e identidade, discutir o processo identitário e memorialístico que envolve a identidade individual – nome próprio – frente às imagens representativas de quem se é no processo de interação com o outro. Nesse caso, confrontaremos as imagens/memórias construídas coletivamente sobre o sujeito e, ao mesmo tempo, as imagens que retomam a identidade vivida no tempo presente. Para tanto, usaremos o aporte crítico especializado das teorias de memória e identidade, a partir das relações entre memória e esquecimento.

## **2. A memória como elemento identitário**

O ato de lembrar implica em atualizar ou reconstruir as informações que foram adquiridas e interpretadas através da nossa capacidade perceptiva. Desse modo, representamos internamente o que foi recebido. Por isso, lembrar significa recordar o que está guardado na memória por toda a nossa vida. Segundo Pollak (1992), o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização de construção das informações recebidas e selecionadas. A lembrança nos permite acessar fatos passados, unindo como um fio condutor o que foi com o que é, pois vem à tona sempre no tempo presente. Ela serve para comprovar o que foi vivido, possibilitando-nos construir nossa história e a passagem do tempo, dando-nos a percepção de que envelhecemos.

Esse ponto de vista confere à memória o lugar daquela que conserva o passado, sendo levada para a consciência sob a forma de lembrança. Para Bosi (1994), a lembrança é o que assegura a sobrevivência do passado, pois cada indivíduo conserva em seu espírito o pretérito. As lembranças nos acompanham durante toda a nossa vida e imprimem marcas que ficam gravadas em nosso subconsciente, esperando apenas o momento em que algo ou um lugar nos faça percorrer o caminho de volta ao passado a fim de trazê-las à consciência. A visita a esse

baú, chamado memória, nos permite encontrar traços da nossa personalidade e marcas da nossa existência que estarão sempre permeadas de emoções e medos. Enfim, nele encontram-se as imagens das experiências selecionadas por nós, as quais nos guiarão pelo resto dos nossos dias ou apenas por um período da nossa vida.

A memória é o que torna o ser humano pleno, pois não vive do imediatismo, mas da sua capacidade de cognição, firmando-se nas experiências do passado, armazenadas e evocadas no tempo presente sempre que necessário. Desse modo, ela nos confere identidade, pois nos torna conscientes do que somos e de qual meio social pertencemos. Em relação a tais questões, podemos nos apoiar nos estudos da memória dentro da mitologia grega, os quais trazem em seu expoente os aportes teórico-críticos de Vernant (1990). O autor apresenta a função da memória na aurora da civilização grega, representada por Mnemosyne. Essa divindade do panteão grego tinha o poder de possuir os corpos dos poetas, conferindo-lhes a visão do tempo passado e libertando-os dos males do presente.

Para essa civilização, a memória era veículo não de reconstrução do tempo, mas de conhecimento do que passou e amadurecimento para o tempo vindouro. A origem da memória sob a ótica da mitologia grega tem em seu panteão Mnemosyne<sup>3</sup>, cujo nome significa lembrar-se. É a personificação da memória. Segundo o mito, Mnemosyne era filha de Urano e Geia, irmã de Cronos e de Okeanós. Foi amada por Zeus e mãe das nove Musas. A concepção aconteceu quando, após derrotar os Titãs, os deuses pediram a Zeus que criasse divindades para cantar as vitórias dos Olímpicos. Desse modo, Zeus deitou-se com Mnemosyne durante nove noites consecutivas, gerando as nove Musas que tinham como função presidir ao Pensamento, inspirando os músicos e os poetas ou, ainda, a criação científica.

Mnemosyne regia a capacidade de pensar dos seres humanos assegurando o domínio entre o visível e invisível, equilibrando-os. Esse passeio em direção às duas fontes – a do esquecimento (*Lethe*) e a da Mnemosyne – será apresentado nesse artigo através de *Ciro*, um dos personagens de *Fim* (2013), o qual, diante da sua condição física, desejou esquecer o seu presente e reencontrar o que viveu no passado enquanto forma de reencontrar sua identidade.

Em *Fim*, *Ciro* é, na juventude, o personagem mais admirado pelo grupo de amigos, por ser o que fazia mais sucesso com as mulheres. Tal admiração despertou em Álvaro a inveja, confessada explicitamente no seu discurso:

---

<sup>3</sup> Observamos que há uma variação quanto à escrita do nome da Deusa da memória (Mnemosyne/Mnemósina/Mnemosye) nas obras consultadas, por isso optou-se aqui pela escrita segundo Yates (2007), *Mnemosyne*.

Invejei o Ciro a vida inteira. Ele era muito bonito, daqueles caras que sabem jogar sinuca, futebol, peteca, pôquer, e ganham todas sem se esforçar. E mesmo nas horas mais condenáveis, como a daquela quase bacanal na casa do Sílvio, o Ciro sabia ser cortês. Arrastou a argentina para o quarto e foi cavalheiro (TORRES, 2013, p. 25)<sup>4</sup>.

Ciro casou-se com Ruth, uma mulher que, segundo Álvaro, era bonita, inteligente e *sexy*. No entanto, o casamento caiu na rotina e, entre idas e vindas, o desgaste pôs fim à relação. As sucessivas traições de Ciro levaram Ruth a definhar e perder o gosto pela vida. Flagrado em uma das traições, fingiu que não era real o que a esposa vira, sugerindo que ela estivesse louca, sendo internada em menos de uma semana. Em seguida, a abandonou na casa da irmã e foi morar sozinho numa cobertura no Santa Clara, onde continuou “riscando o nome das moças no caderninho” (FIM, 24).

As atitudes de Ciro com a esposa geraram em Álvaro decepção e estarrecimento: “Jamais achei que o Ciro pudesse ser tão brutal, [...] a frieza do Ciro com a Ruth foi chocante” (FIM, p. 24). Entretanto, Ciro não ficou assim imune aos seus atos, muito menos à proposição de repensá-los. Entretanto, embora em algumas passagens ficasse explícita a culpa, ele não fez nada para mudar enquanto poderia e só repensou seus atos no final da vida.

Aos cinquenta anos (idade calculada com base nas datas de nascimento e morte apresentadas na narrativa), Ciro foi acometido por um câncer e, com isso, percebera que seu tempo estava acabando. Esse fato o fez ser bombardeado por uma gama de lembranças, as quais se embaralhavam ao seu presente.

Não sei por que fiz o que fiz. Foi o instinto, o pau, a cabeça, a cabeça do pau. Não sei. Mas na hora que o Júlio decretou a sentença, percebi que eu comecei a morrer lá atrás, na festa do primo da Irene, quando cruzei meu olhar com o de Ruth e fomos tragados pela tempestade. Disquei o último número, a sequência que eu conhecia de cor. Há quatro anos não me aventurava a marcá-la. Raquel atendeu, desliguei. Saí para encontrar com o Álvaro. O Lucas estava vazio, era fim de almoço. Sentei na mesa colada à vidraça e aguardei. [...] O Álvaro chegou logo em seguida, estava sem tempo, era março, o mês do leão. Contou que havia deixado uma pilha de declarações esperando por ele no escritório e reclamou do salário apertado [...]. Não, Álvaro. Eu não vou declarar os ganhos porque não sei se vou estar aqui amanhã. Ele me olhou confuso, descobriram um tumor, vão me meter a faca para arrancar o bicho de lá (FIM, pp. 158-159).

---

<sup>4</sup>TORRES, Fernanda. *Fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Todas as citações da narrativa literária foram extraídas dessa edição e, doravante, indicaremos apenas o nome FIM, em referência ao texto, e a página da citação.

Esse “Não sei por que fiz”, que observamos logo no início da citação, já é parte dos primeiros questionamentos da conduta de Ciro para com a sua esposa. Isso porque, ao trazer essas imagens, ele começa a repensar os seus atos, ainda que não saiba apresentar o porquê da traição. Ao mesmo tempo, lembrar cria a ilusão de que o que fez não está inacessível, devido à possibilidade de reviver as situações por meio da lembrança. Segundo Candau (2014), a memória nos dá a ilusão de que os momentos passados não estão definitivamente inacessíveis, pois é possível revivê-los por meio da lembrança, cuja realização, por sua vez, é a atualização do tempo fazendo o passado coincidir com o presente.

Pela retrospectiva, o homem vincula os pedaços do que foi numa nova imagem, a qual talvez possa ajudá-lo a encarar sua vida presente. No caso de Ciro, as memórias são a certeza do que ele é e, ao evocá-las, lança no esquecimento o sujeito doente internado e agonizante. No hospital, a realidade de Ciro é marcada por uma dolorosa consciência, na qual ele vê seu corpo esvair-se fragmentado em dores, sem parte do fígado, intestino, pâncreas e vesícula, com cistite, cateter no peito e dreno no pulmão.

Não há mais cabelo e o homem outrora viril agora necessita de ajuda até para ir ao banheiro, num caminhar forçado, agarrado à torre de medicamentos. Segundo ele, a torre era sua amante fiel com o varal de sacos plásticos a lhe injetar venenos: antifúngicos, antibióticos, antivirais, antis. Em seu presente, tudo é *ant* e nada a favor. Acompanhado por três enfermeiras que se revezam (Eneida, Gisa e Maria Clara), encontra-se fora do ar e faz uso de morfina, pois tem fungos nos pulmões e a cistite alcançara seus rins. Para Ciro, as doses cada vez maiores de morfina, além de aliviar a dor, aliviam também a lentidão das horas de quem se encontra o dia inteiro acamado, preso também a noites mal dormidas e a um angustiante tempo presente.

O anseio pelo remédio ocorre pelo desejo de apagar e poder esquecer da condição presente, mergulhando em suas memórias. A visão das imagens passadas o libera do mal que o afeta, visto que a memória o desloca no tempo. Conforme Vernant (1990), a rememoração do passado tem como contrapartida necessária o “esquecimento” do tempo presente.

Não se admitirá, pois, de encontrar, no oráculo de Lebedeia, onde se mimava no antro de Trofônio uma descida ao Hades, *Lethe*, Esquecimento, associada à *Mnemosyne* e formando com ela um par de forças religiosas complementares. Antes de penetrar na boca do inferno, o consultante, já submetido aos ritos purificatórios, era conduzido para perto das duas fontes chamadas *Lethe* e *Mnemosyne*. Ao beber na primeira, ele esquecia tudo da sua vida humana e, semelhante a um morto, entrava no domínio da Noite. Pela água da segunda, ele devia guardar a memória de tudo o que havia visto e ouvido no outro mundo. À sua volta, ele não se limitava mais ao conhecimento

do momento presente; o contato com o além lhe havia trazido a revelação do passado e do futuro. Esquecimento é, pois uma água da morte. Ninguém pode abordar o reino das sombras sem ter bebido nessa fonte, isto é, sem ter perdido a lembrança e a consciência (VERNANT, 1990, p. 114).

O referido trecho contribui para fazer uma alusão ao estado físico de Ciro. Estando ele preso a um leito de hospital, após cirurgia para retirada de um câncer já em metástase, passa horas sob o efeito da morfina e, ao sentir que as dores voltam a se aproximar, já almeja a próxima dose: “Santa morfina, alívio para a dor e a lerdeza das horas. Por que demora? Quero apagar, esquecer, sair daqui.” (FIM, p. 161). O esquecimento, enquanto água da morte, se contrapõe à memória, fonte de imortalidade. No entanto, essa relação memória-esquecimento simboliza uma espécie de passagem da morte-vida de Ciro para a vida só alcançada pela memória.

Desse modo, não há aqui a tentativa de fazer um enquadramento do personagem em questão na mitologia grega, nem há pretensão de afirmar que Ciro participou do ritual do oráculo de Lebadeia, de modo tão fidedigno e semelhante a um poeta grego, mas optamos por beber da sabedoria grega para, assim, refletirmos sobre a função da memória enquanto elemento identitário, pois, segundo Candau (2014), sem a memória o sujeito se esvazia e sua identidade desaparece. Se, para a civilização grega, a memória conferia o poder de vidência, para Ciro, esta era a fonte que o fazia vencer a própria morte, tal qual Scheerazade, que a “cada episódio gerava em sua alma uma história nova, era a memória épica vencendo a morte em mil e uma noites” (Bosi, 1994, p. 90).

### **3. Entre passado e presente, a suspensão do tempo em *Fim* e a sobrevivência pela memória**

A estadia de Ciro no hospital é narrada por ele a partir de uma falta de perspectiva de vida futura em razão do câncer e da vulnerabilidade ocasionada pelo hospital, pois, segundo o personagem, se entra no hospital com uma doença e contrai outras piores, crônicas e agonizantes. Ele se diz vítima de fungos, vírus, bactérias e germes. Por isso, seu presente era trágico, seu futuro nem fora mencionado e, somente no passado estaria sua vida, sua identidade, comprovada em algumas passagens em que diz: “O meu nome é Ciro, sou advogado” (FIM, p. 168).

Essa autoafirmação só comprova que, através das memórias, o personagem se identifica e se reconhece enquanto pessoa e homem. É por causa dela que sua identidade é

preservada. Observamos que, nesse caso, o reconhecimento se dá por meio da identidade nominal – *Ciro* – e pela profissão de advogado. Não à toa tais elementos são os elos de identificação do paciente terminal, visto que o próprio nome retoma as memórias da juventude e, conseqüentemente, da virilidade – característica que também pode ser associada à imagem do advogado bem sucedido na profissão.

Para Candau (2014), o nome é sempre uma questão identitária e memorial, pois as relações estabelecidas entre o nome, a memória e a identidade são muito fortes.

Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade (CANDAU, 2014, p. 68).

Pela memória, *Ciro* conseguia se perceber socialmente e lembrar qual era sua posição social, já que no presente sua condição física o impedia. No entanto, para se reencontrar, ele necessitava deslocar-se no tempo, percorrer o caminho de volta para trazer à tona o que lhe representava no passado. Esse retorno ao reino da memória era o reconstruir da identidade através do reencontro com seu corpo físico sadio e com o coletivo. O trecho em que ele menciona seu nome e sua profissão, ainda que através da sua memória e do eco da memória dos outros, possibilitou a reaproximação com a antiga imagem de si, com sua identidade.

A ingestão do potente analgésico soava como beber da fonte do *Lethe*, pois lhe proporcionava esquecer-se da dor humana, numa espécie de rito preparatório para a entrada em outro lugar, no qual seria conduzido ao passado. Isso lhe permitiria visitar os lugares dantes transitados e reencontrar pessoas que não estavam mais no presente. Para ele, era realmente necessário esquecer a fim de lembrar.

Após a frase “Quero apagar, esquecer, sair daqui” (FIM, p. 161), há um espaço entre um parágrafo e outro seguido de três estrelas de seis pontas<sup>5</sup>. Essa marcação no texto aponta também a transição do personagem do tempo presente para o passado. Semelhante a quem iria consultar o oráculo, *Ciro* foi conduzido inicialmente para a fonte do esquecimento e nela perdeu o contato com o presente e com o corpo físico. Em seguida, podemos dizer que ele acorda na fonte da memória:

Eu acordei do lado dela, era um dia igual aos outros. Mas despertei antes da Ruth, o que não era comum. Fiquei deitado, olhando para ela. Não havia centímetro quadrado

---

<sup>5</sup>Não iremos aqui analisar este símbolo. Foi citado apenas para marcar o espaço entre parágrafos e a transição do antes e depois de ingerida a morfina e, em consequência, transpor do presente para o passado.

daquela mulher que eu não conhecesse. Eu visitara cada dobra e orifício dela. Por dez anos conquistamos as terras vizinhas em infinitas primeiras vezes. O elevador foi só o começo da extensa invasão. Quando nos transformamos em amantes maduros, casados e desinibidos, a vontade de procriar nos trouxe um novo alento. Trepamos solenes, emocionados. E os peitos dela de leite, e a felicidade de ter feito alguém que era metade ela, metade eu, tudo isso nos varreu como uma onda quente por quase dez anos. Mas, nesse dia, olhando para ela na cama, percebi que não havia mais nada a ser conquistado. Ela ainda era bonita, não tinha a ver com beleza. Minha surpresa era perceber que nada em mim, nem um pelo, nem um poro, nem uma mísera célula ansiava por um pouco daquela mulher. A Ruth abriu os olhos e se surpreendeu ao me ver acordado. Sorriu. Eu me levantei para o dia. Aconteceu alguma coisa? Não, nada. Eu conheço você. Esse era o problema, Ruth, nos conhecíamos demais. No fim do expediente, liguei para o Neto, nos encontramos no Amarelinho (FIM, p. 162).

Embora esteja sob o efeito de remédios, o enredo segue uma sequência que obedece ao ritmo seletivo da memória. Esta, para Bosi (1994), é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Não há como evocar um evento passado em sua totalidade. O que Ciro evoca são pedaços de outrora e, embora esse retorno não lhe dê o poder de reconstrução do tempo, funciona como libertação e fonte do presente. As suas lembranças são apenas parte do que foi vivido, uma cópia do passado que nunca poderá ser a original, mas que tornam presente o que já estava ausente.

Se pensarmos nas duas fontes, a da memória e a do esquecimento, bem como na ideia de que, para a mitologia, há que beber da fonte do esquecimento e apagar tudo o que pertence à vida humana, para assim poder guardar tudo o que tinha sido visto e ouvido no além. Desse modo, após beber da fonte de Mnemosyne, era concebido ao visitante o poder da vidência, ou melhor, do conhecimento do presente, do passado e do futuro. Por outro lado, quando se afirma que para trazer algo do passado é necessário esquecer, não implica em apagar o presente em sua totalidade, mas, sim suspendê-lo a fim de que se possa entrar nesse outro tempo.

Do mesmo modo, não é possível reviver o passado, pois ao voltar no tempo não omitimos a realidade atual. Ciro suspende o tempo e revisita seu passado, mas, ao retornar à realidade, ainda é um enfermo num leito de hospital. No entanto, esse retorno não o deixaria do mesmo modo, não seria mais só o “Ciro, casado e advogado”, tão pouco o doente, mas alguém que transitou entre os dois mundos, que não é mais somente de um ou do outro. Ciro estaria, então, na fissura aberta do tempo e não era mais ele no hospital e sim era ele, era Ruth, a cama, a cortina, o banheiro e a conversa trivial sobre a relação, isto é, ele se fundia a ela e aos objetos a partir da realidade entremeada pelas memórias:

Despertei com ela do lado, olhava o teto. Estava esperando você acordar, disse. Um manto pesado havia caído sobre nós dois, tão inesperado e intenso quanto o amor de antes, mas diferente, sombrio, desolador. Sentei de costas para ela, pensei dizer alguma coisa, mas continuei calado. Fui escovar os dentes. Ela me esperou voltar,

exigiu uma explicação. Não é nada, Ruth. Como nada, Ruth? Eu te fiz alguma coisa? Não, você não me fez nada. Então qual é o problema? O problema, Ruth, é o nosso casamento. Ela empalideceu como se estivesse recebido a notícia da morte de alguém. Se ficássemos ali chafurdando, seria pior, já estava pior. O pequeno desconforto dera frutos, frases, brigas e indagações, era preciso estancar a sangria. Eu vou trabalhar, Ruth, e acho que você deve fazer o mesmo, eu não sei o que há comigo. Me perdoa, eu tenho hora na cidade, vamos conversar à noite [...]. Que horas são? Anoiteceu. Eu dormi. Devo ter dormido. Já me aplicaram? Certamente que sim. Cadê a outra dose? Quero voltar para onde eu estava. (FIM, pp. 163-177).

Ao mesmo tempo em que Ciro se funde às suas memórias, inter-relacionando passado e presente, há também o outro, o Ciro que acorda em meio ao movimento da enfermaria, o doente em fase terminal e que deseja, a todo custo, não ser este, mas aquele. Em razão disso, anseia por novas doses de remédio, como forma de “resgatar” seu passado. Ao ser evocado, o tempo passado já não é mais uma imagem pura de outrora. O retorno e a consciência do seu estado atual dão ao personagem a convicção da ausência. Assim, esse jogo mnemônico de estar entre o presente e o ausente gera uma rasura no tempo, em meio à qual Ciro se encontra.

A memória é recurso para tecer a narrativa e, no caso de Ciro, as lembranças permitem que ele retorne à sua casa mesmo estando preso a um leito de hospital. O reino da memória o possibilita essa viagem, assim, o Ciro do tempo presente é transposto ao passado por fragmentos de imagens arquivadas em sua memória. Embora muito doente, esse arquivo permanece intacto. Ao mergulhar nesse estágio de sonolência, o personagem tem acesso ao texto guardado em sua memória, penetra em seu discurso mental mnemônico, o qual fundamenta seu discurso propagado pela linguagem. Esse discurso condiciona o leitor a conhecer outros espaços que surgem sobre aquele que já existe – o hospital, cujos cenários servem como pano de fundo para os eventos lembrados.

Através do processo da memória, o personagem traz à tona objetos, músicas, cheiros, pessoas, que são partes de um todo que o compõe, da mesma forma que pode ocorrer com todos os indivíduos. Nesse caso, esses elementos funcionam como metonímia dos eventos passados, deixando claras as lacunas do tempo em que se recupera apenas parte do que foi vivenciado, pois, conforme já foi dito, a memória é seletiva e arquivamos apenas o que nos é significativo. Quando diz “sou Ciro, casado” (FIM, p. 168), ele se identifica, se reconhece enquanto pessoa, pois sem a memória sua identidade desapareceria. Contudo, por outro lado, no final dessa sua frase de autoidentificação, ele diz “e isso nunca me aconteceu assim” (FIM, 181). Há, nesse momento, um repensar dos eventos passados e a emissão de um juízo de valor para o acontecido, embora feito pelo olhar de quem reflete no agora sobre a experiência de outrora.

Com relação ao espaço, *Ciro* ocupa dois lugares definidos: o hospital e o seu leito, mas quando é transposto para o passado, visita os lugares da memória. Desse modo, não há mais a singularidade do espaço, pois com a evocação desses lugares o primeiro passa para uma dimensão plural, de outros. Simultaneamente, ele está neste e naqueles lugares. Ao recordar Copacabana, a praia, Cinelândia e Santa Teresa, como exemplos dos muitos lugares evocados por *Ciro*, elucidamos que não há meio de lembrar sem trazer junto os lugares nos quais foram vivenciadas as experiências:

Assim, a memória corporal é povoada de lembranças afetadas por diferentes graus de distanciamento temporal: a própria extensão do lapso de tempo decorrido pode ser percebida, sentida, na forma da saudade, da nostalgia (RICOEUR, 2007, p. 57).

*Ciro* é acometido por uma nostalgia quando entende que não poderá mais estar em Copacabana. Diante da iminente impossibilidade de ver o mar, recorda-se da última vez que foi à praia: “Água gelada, céu azul, sol quente, o último sol (FIM, p. 158). Devido ao seu estado físico, o advogado apresenta sua história de vida e o seu desejo de voltar às memórias cada vez que volta a si: “Cadê a outra dose? Quero voltar para onde eu estava” (FIM, p. 177). Quando retorna do passado, ou melhor, quando passa o efeito da morfina, *Ciro* nos apresenta o tempo e o espaço do presente: o hospital.

A falta de privacidade é o grande abuso da rotina hospitalar. As portas não têm tranca. Os enfermeiros, os faxineiros, os médicos, qualquer um entra a hora que bem entende, falam alto, mexem em tudo. Limpam o chão, trocam sonda, futucam, apalpam, furam, é um pesadelo (FIM, p. 177).

Esse movimento presente-passado/passado-presente exige do leitor um olhar mais atento para que não se perca em meio ao enredo, visto que, durante todo esse capítulo, os leitores são imersos em fragmentos de histórias que se realizam em dois tempos distintos. Quando *Ciro* está no reino das memórias, somos deslocados junto com ele para outro tempo e outros espaços. A narrativa nos leva a uma espécie de viagem, como se estivéssemos a bordo de uma aeronave que nos mantém por um tempo em um lugar, no qual contemplamos as imagens da cidade e o que ela pôde oferecer naquela época. Depois, somos puxados para o presente novamente e forçados a compartilhar da melancolia de um moribundo já sedento pelo fim de sua vida.

Quando o leitor compartilha das memórias de *Ciro*, a consciência de sucessão temporal pela percepção do decurso normal de dias e horas não ocorre, pois o tempo está suspenso. Os

relatos das memórias de Ciro não são feitos para um interlocutor dentro da narrativa: um médico ou enfermeiro, mesmo porque são memórias que lhe ocorrem sob o efeito da morfina, mas são o registro de sua memória individual e, por meio delas o leitor conhece a história de vida desse personagem. Para Benjamim (1994, p. 212), “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”. Ainda que, segundo o autor, o leitor de romance seja solitário, há uma apropriação da matéria.

Mesmo em meio ao cenário hospitalar, as memórias de Ciro nos deslocam para outros espaços, como a sua vida em família, suas aventuras amorosas e seus encontros com os amigos. Vivenciamos, então, parte das experiências desse grupo de cinco personagens que protagoniza o romance *Fim*. Embora boa parte das memórias evocadas traga também seus amigos, estes não estão presentes no momento da rememoração de Ciro, pois ele está solitário e o convívio entre eles fica concretizado apenas no passado. Diante disso, e em razão da representação dessas ausências, é comprovada mais uma vez a impossibilidade de um resgate do passado. Ciro, diante do seu trabalho rememorativo, se abstraiu do tempo presente para poder, ainda que de forma fragmentada, lembrar da sua história.

O seu trajeto narrativo nos guiou por uma encruzilhada que, parados num ponto, fomos conduzidos inicialmente para o que seria o fim de sua vida. Entretanto, passamos ainda por muitos estágios com Ciro, desde o momento em que recebemos junto com ele o diagnóstico do câncer até as passagens nas quais fomos para o seu passado. Ali, conhecemos um pouco de sua história e a recuperação de eventos ausentes, ainda que fragmentados. Desse modo, entendemos que, através do ato de lembrar, trazemos para o presente a imagem de um evento passado. No entanto, essa imagem é cópia, pois não se trata mais do evento original e sim da evocação de algo ausente.

Nesse capítulo de *Fim*, visto que a narrativa é constituída de capítulos “independentes”, sendo cada um referente a um dos personagens do quinteto de amigos<sup>6</sup>, o narrador-personagem permite que tenhamos o conhecimento do seu presente, passado e futuro com o intuito de que, assim, possamos vislumbrar o presente de um homem doente, o seu passado envolto pelas memórias da juventude, do casamento e das suas conquistas amorosas. Por fim, presenciarmos seu futuro pela antecipação da morte que lhe chega sentencialmente decretada no diagnóstico do câncer, mas concretizada pela eutanásia, como a expurgar os males causados a Ruth ou, talvez, a ele mesmo. A antecipação da morte fortalece a certeza de uma falta de perspectiva futura, da

---

<sup>6</sup> Há, também, em *Fim*, um epílogo e mais dois capítulos-bônus, colocados após o epílogo.

impossibilidade do resgate do passado e da impossibilidade de escapar da condição atual. O fim da vida é, então, o alívio tanto das dores físicas quanto para a dor causada pela constatação de não pertencimento a esse mundo.

### **Considerações finais**

A memória, enquanto faculdade humana de reter informações passadas, permite-nos recorrer ao passado por meio de imagens mentais. Estas constroem as histórias de vida, pois são carregadas de traços da nossa personalidade e imagens de experiências que formam a nossa identidade. No caso do personagem *Ciro*, objeto desse artigo, ele se reencontra em seu passado, mais precisamente nos arquivos da sua memória, retomando, assim, a identidade que possuía, como forma de refugiar-se de um presente doloroso.

A sua identidade é revelada por meio das imagens dos acontecimentos vividos, pela profissão que exercia e que o fazia ter um nome reconhecido socialmente. No momento de angústia vivido, não há uma identificação com o *Ciro* do tempo presente, mas com o do passado, que tinha vida ativa, relacionava-se com o grupo de amigos, tinha profissão e um nome. Somente por meio da memória é que esse reencontro e esse reconhecimento acontecem.

Diante do exposto, percebe-se que é a memória quem nos permite unir o que fomos ao que somos em meio ao jogo temporal: presente e passado. Conforme Candau (2014), sem a memória, o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Desse modo, há em *Fim* (2013), em especial com o personagem *Ciro*, a necessidade de recorrer ao passado para que possa ter consciência de si e consolidar, assim, sua identidade, a qual está longe de ser aquela em que ele se encontra no presente, enquanto moribundo num leito de hospital.

Por um lado, a identidade de *Ciro* foi construída no decorrer do tempo e a sua capacidade de lembrar é o que o torna consciente do seu passado e o permite lembrar-se do que viveu e, nesse momento de evocação, esquecer-se do tempo presente. Esse capítulo do livro de Fernanda Torres nos traz o exemplo de que a memória preservada conserva a personalidade desse personagem e, conseqüentemente, a presença de si mesmo, ao contrário do que acontece com um indivíduo que seja acometido por uma perda de memória.

Para Candau (2014, p. 64), esse vazio de memória “é com frequência experienciado como uma ausência de si e pode se tornar completa entre os indivíduos acometidos (por horas ou anos) por uma amnésia de identidade”. Por outro lado, essa conservação da personalidade

de Ciro, e, por consequência, da sua identidade, faz um movimento paradoxal, pois ao retornar a esse passado, há a negação do sujeito do presente. Esse jogo mnemônico é ambivalente, visto que a imagem do Ciro cristalizada no passado permite-o desconstruir sua condição atual, ainda que de forma ilusória, para dar espaço a uma imagem satisfatória de si: a do Ciro, viril advogado de outrora.

O que de fato Ciro recobra não é o que foi no passado, mas a imagem disto, para que esta possa agir sobre o presente e represente a sua verdadeira identidade. A evocação do próprio nome confere-lhe, além da identidade, a lembrança do que foi. Portanto, só reforça a ideia de Candau (2014, p. 68) de que o nome próprio é sempre “uma questão identitária e memorial”. Logo, lembrar-se do próprio nome conferia a Ciro o direito de se reconhecer socialmente e a maneira de fazê-lo não desaparecer em meio à sua condição presente. O seu jargão – “sou Ciro, advogado” – evita que sua história de vida caia num profundo esquecimento, entretanto, em meio às teias da memória presente, Ciro, o viril e respeitado advogado da juventude, apenas sobrevive em memórias; no presente, o que há é um corpo agonizante num leito de hospital à espera da morte – aquela que, talvez, seja a libertação final.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIM, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- POLLAK. Michael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- TORRES, Fernanda. *Fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

---

Enviado em: 01-07-2017

Aceito em: 14-12-17